

BASES ONTOLÓGICAS DA FILOSOFIA DA PRAXIS E FORMAÇÃO HUMANA¹

*Joeline Rodrigues de Sousa*²
Universidade Federal do Ceará UFC/CE

A nossa exposição busca situar a concepção de formação humana, de educação, a partir do prisma da filosofia da práxis, por isso, partimos da consideração de que em Marx, o trabalho assume a categoria central do mundo dos homens. Tal categoria - o trabalho - integra junto à filosofia da práxis, a centralidade da análise dos nossos estudos, tendo em vista que, para nós, o núcleo que constitui o elo fundante entre práxis – concebida como expressão da síntese da atividade teórico-prática, encontra-se no trabalho.

É nesse sentido que indicamos que a compreensão que norteia o resgate da ontologia marxiana no legado gramsciano como objetivo investigativo reside no legítimo entendimento de que essa perspectiva – a ontológica - demonstra a possibilidade da emancipação humana, da superação da exploração do homem pelo homem, destituindo qualquer perspectiva que referende uma pretensa natureza humana imutável ou visão evolucionista dos acontecimentos históricos e do devir, que coloque o homem numa aguda passividade diante da luta revolucionária como ocorreu com as determinações da II Internacional que deslocou a luta de classes para a passividade mórbida pela mistificação evolucionista, mecanicista e economicista.

Nesse viés, Gramsci dedicou o Caderno 11, escrito entre 1932 e 1933, intitulado *Introdução ao estudo da filosofia*, no qual busca recuperar as concepções marxianas, elaborando a filosofia da práxis, como a síntese do movimento histórico numa relação dialética entre a realidade posta e o devir, entre o imediato e a totalidade, como frutos da ação humana. Portanto, a escolha do termo filosofia da práxis, não se justifica apenas pela intenção de despistar os seus escritos da censura fascista, mas sobretudo, explicitar a noção da relação unitária entre teoria e prática defendida por Marx nas Teses sobre Feuerbach, que como

¹ Texto com base na palestra proferida na Mesa de Encerramento do *Seminário Marx 200 anos – A atualidade da Filosofia da Práxis* realizado em maio de 2018 na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza.

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci – GGramsci. Membro da Coordenação Nacional da International Gramsci Society no Brasil. Email: joelinersousa@gmail.com

afirma Frosini (2010) é a chave para entender o marxismo como filosofia da práxis. Por isso, compreendemos que nesta concepção, ainda que com sua linguagem própria, encontra-se o núcleo de sua concepção ontológica.

Além de Marx e Engels, Gramsci sofreu influência de diversos autores, contudo, destacamos para nossos estudos a grande influência de Antonio Labriola, bem como de Lenin, no que tange o resgate da concepção revolucionária da práxis, recuperando o método dialético e demarcando a filosofia da práxis como uma nova concepção de mundo que basta a si mesma, tentando, outrossim, desmistificar toda incrustação idealista, metafísica e folclórica da realidade que visam manter o homem no campo do imediato, em uma visão da realidade como algo imutável, figurando assim também, seu caráter meramente mecanicista.

Ademais, Gramsci reclama uma sociedade autorregulada e a autorregulação do processo produtivo e social, articulando a filosofia da práxis com a constituição da hegemonia do proletariado. Pois, como assenta o marxista italiano (GRAMSCI, 2007, p. 247), “a hegemonia nasce da fábrica”, a qual pressupõe criar condições para que os indivíduos possam ser “dirigentes ou dirigidos” não apenas na fábrica mas em todas as relações sociais. Tarefa esta que revela-se no combate ao revisionismo do marxismo, oriundo das concepções neokantianas, que após a morte de Hegel influenciou fortemente a socialdemocracia alemã e Bernstein. Concepções estas que se opõem diretamente ao idealismo objetivo hegeliano que tem como núcleo a dialética - uma das partes constitutivas do marxismo, e portanto, segundo Lenin, colocam a concepção ontológica em segundo plano.

Dessa forma, organizamos nossa exposição em três momentos:

1. O problema histórico-filosófico do dualismo que influencia o marxismo.
2. Traçar os elementos da filosofia da práxis que se contrapõem de forma revolucionária às determinações mistificadoras do real de caráter ontológico.
3. Apontar elementos da concepção revolucionária gramsciana de formação humana e educação.

1

A emergência do processo de conhecer o mundo é imanente à existência humana e à garantia de sua sobrevivência, desde o salto do mundo natural ao mundo social. O núcleo imperativo do conhecimento e seu desenvolvimento, conforme Marx e Engels, fixa-se na forma de produzir dos homens.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, [...]. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (MARX E ENGELS, 2007, p.87)

Na medida em que as relações sócio-produtivas se complexificaram, simultaneamente complexificaram-se o processo de produção e difusão do conhecimento, dada a divisão social do trabalho em trabalho manual e intelectual que ocorrera devido a necessidade de afastamento das barreiras naturais. O trabalho intelectual centra-se nas mãos de um pequeno grupo, ao qual delegava-se a tarefa de desenvolvimento e melhoramento da técnica do trabalho, de onde emerge a propriedade privada, fruto da apropriação privada do conhecimento, e consequentemente dos bens produzidos, os quais deveriam tornar-se valor ao inteiro grupo social, originando a sociedade de classes, postos os interesses antagônicos³.

Esses interesses antagônicos atravessam toda a história, a qual segundo Marx, no Manifesto Comunista, é “a história da luta de classes”. Portanto, o processo de conhecer que originalmente surge unitário no trabalho, é cindido em uma dualidade que expressa a cisão do próprio ser social, entre aparência e essência em que ora a tradição filosófica centra-se na aparência como fundamento da verdade, ora na essência. Ambos os focos tem desdobramentos que incidem diretamente sobre a concepção de formação humana como Suchodolski nos apresenta em sua obra “A Pedagogia e as grandes correntes filosóficas”.

A investigação da concepção do “ser” se desenvolve desde a Grécia Antiga, baseada na cisão histórica e, portanto, em unilateralidades contrapostas, como o mundo das ideias de Platão que contrapõe ao mundo sensível e serve de base para o desenvolvimento de todo pensamento metafísico e mistificador da realidade, não apenas filosófico e também religioso, como o cristianismo, por exemplo.

Mais além, vai Aristóteles que apesar de conservar elementos idealistas como a ideia de ser imutável e eterno, ele introduz elementos importantíssimos para o desenvolvimento da concepção humanista e historicista, a concepção de ser como constante devir em ato e

³ Sobre este assunto ver.: ENGELS, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*; PONCE, Anibal, *Educação e Luta de Classes*.

potência, isto é, o ‘movimento’⁴ como essente ao ser. Ademais, pela visão dialética do uno e da pluralidade do ser, isto é, a particularidade e a totalidade, defende a filosofia primeira – a metafísica – como ciência necessária ao estudo do ser em geral, considerada “ciência mais alta, mais ampla e mais universal” por Aristóteles.

Nessa esteira, destacamos Kant que no contexto das transformações do mundo moderno, desde o Renascimento, o humanismo, o iluminismo e as descobertas científicas em que ocorre o movimento de reação e os dados empíricos assumem expressão de verdade, busca superar o impasse entre racionalistas e empiristas. Porém, ao buscar equacionar questões ontológicas em termos gnosiológicos, cai em contradição e fecha o próprio caminho que abria.

Pois, ao buscar superar o *gap*, a lacuna existente entre racionalistas e empiristas e fundar uma nova metafísica – o idealismo transcendental, Kant substituiu a questão do “que é o ser” para “como podemos conhecer”, criou as bases para o ceticismo ao repelir categorias que permitiriam a apreensão da relação dialética entre objetividade e subjetividade, e ao negar a possibilidade de conhecermos a coisa em si, terminou por lançar as bases do positivismo, que posteriormente e contraditoriamente influenciará o marxismo.

Contraditoriamente porque a posição kantiana segue na contramão das conotações da filosofia antiga, (bem como do marxismo com as devidas ressalvas), que alicerçam a impoção ontológica do conhecimento do ser: o conteúdo – ao buscar explicar a totalidade das coisas, toda a realidade sem exclusão de partes ou momentos dela; o método – baseado na lógica ontológica que busca ir além do fato e das experiências para encontrar a causa primeira através da razão considerando toda a realidade e seus princípios e, por fim, o objetivo – que é o puro desejo de conhecer e contemplar a verdade.

As ressalvas que destacamos acima se centra no fato de que na esteira dessas conotações filosóficas, o objeto é visto em toda a totalidade da realidade do ser, inclusive a compreensão de seu princípio, porém, essas conotações são revisitadas durante o Renascimento e, conjugadas com o humanismo, fomentam a busca do saber como elemento de distinção social e inspiram o desenvolvimento de ideias emancipadoras às classes subalternas, neste caso a burguesia. Ou

⁴ Embora Aristóteles desenvolva a concepção de movimento de forma articulada com sua concepção de ato e potência em devir, Heráclito que herda dos milésimos o dinamismo universal e o desenvolve indicando o devir como característica estrutural de toda a realidade como passagem dinâmica ordenada de contrário ao outro que no conjunto se compõe em harmonia de contrários. Ver: REALE, 2003.

seja, começa a tomar dimensão histórica e, portanto, voltada para a conjugação transformadora da realidade.

Dessa tradição, conforme Coutinho (2010), a filosofia burguesa extrai elementos decisivos para a sua ascensão - como as categorias humanismo, historicismo e razão dialética, e do progresso capitalista que como totalidade concreta em constante desenvolvimento a necessária apreensão da realidade a qual desejavam transformar.

Nesse sentido, Coutinho (2010) afirma que há duas etapas da história da filosofia burguesa. A primeira caracteriza-se como um movimento progressista desde os renascentistas até Hegel, orientado na direção da elaboração de uma racionalidade humanista e dialética. A segunda inicia um processo de decadência progressiva e o abandono das categorias conquistadas no período anterior, representando uma radical ruptura e descontinuidade filosófica que nega o papel da razão dialética na práxis dos homens gerando a agudização da alienação.

É, portanto, a partir dessa tradição humanista, historicista e dialética, expressa especialmente em Hegel, que é possível superar Kant – que com sua metafísica transcendental, afirmava ser possível conhecer o fenômeno, como a realidade se apresenta à sensibilidade e é acomodada pela razão, mas jamais o *noumenon*⁵, a realidade em si – enfrentando, assim, a práxis humana, desse modo, pelo alto, mediada pela moral pura, a qual não encontra raiz na realidade, nem mantém com a atividade humana uma relação dialética, mas conforme Lukács (2013, p.51), “encontra-se numa substancial e insuprimível oposição a ela. Desse modo, também nesse caso, o verdadeiro problema ontológico não recebe solução”.

É por este motivo, que Hegel assume especial relevância no pensamento de Marx, o qual, por sua vez, o supera ao inverter sua concepção objetiva idealista no viés materialista.

Dessa forma que as correntes como o irracionalismo, o ceticismo e o positivismo que se originam em Kant e assumem caráter conservador e sectário, as quais em certa medida influenciaram o marxismo, especialmente a partir da Segunda Internacional através de alguns dirigentes como Bernstein⁶, Kautsky⁷, Max Adler,⁸ não encontra identidade com as bases

⁵ A relação e distinção entre fenômeno e *noumenon* será desenvolvida posteriormente.

⁶ Eduard Bernstein congregava a direita revisionista neokantista e o Partido Social-Democrata da Alemanha. Expõe suas ideias de um ‘socialismo evolucionário’ especialmente em *Os pressupostos do socialismo e as tarefas da social-democracia*.

marxianas, e são, portanto, refutadas por Gramsci nos Cadernos, como Bukharin - a quem Gramsci refuta as ideias por ele expostas, especialmente no *Ensaio Popular*⁹.

Nesse sentido, é possível compreender porque o desenvolvimento crítico da tradição progressista, efetivado pelo marxismo, parte diretamente de Hegel como é o caso de Gramsci¹⁰, pois em todo esse processo de combate e embates ideológicos, ocorre a luta por uma filosofia baseada na racionalidade do mundo, de fundo dialético, humanista e histórico como núcleos essenciais do pensamento e do sistema desenvolvidos por Hegel, frente ao revisionismo advindo da II Internacional que assumiu uma linha de interpretação do marxismo que se pretendia verdadeira e ortodoxa e desembocou no stalinismo, o qual divide o marxismo em materialismo-histórico de um lado e dialético do outro, criando “leis gerais” que caracterizam sua positivização e à passividade mórbida frente à luta de classes, ao conceber de forma cindida e metafísica, o que é tático do que é estratégico.

2

Gramsci, diferentemente, trazia em sua formação as bases do pensamento hegeliano, a dimensão dialética da história, o que faz toda diferença em sua leitura de Marx e, por isso, quando entra em contato com a perspectiva da Segunda Internacional já trazia acúmulo suficiente para interpretar o mundo no sentido material das relações, em sua totalidade e contradições. Estas bases o permitiram perceber a distinção das esferas do real, do ser - natureza e história, bem como, o momento predominante de cada esfera.

[...] nada disso [cultura] pode ocorrer por evolução espontânea, por ações e reações independentes da própria vontade, como ocorre na natureza vegetal e animal, onde cada ser singular seleciona e especifica seus próprios órgãos

⁷ Kautsky foi o mais destacado pensador marxista da Segunda Internacional entre 1889 e 1914 e desempenhou um importante papel na consolidação do marxismo como disciplina intelectual. De 1885 a 1890 viveu em Londres, trabalhando em estreita colaboração com Engels na organização dos manuscritos marxianos.

⁸ Principal representante do austromarxismo, vislumbrava o socialismo como problema ético, de valores e o ideal de liberdade. Ligou o marxismo à tradição filosófica alemã, especialmente às correntes neokantistas, bem como, às correntes positivistas. As bases conceituais e teóricas do austromarxismo foram desenvolvidas principalmente por Adler, para quem o marxismo era “um sistema de conhecimento sociológico (...) a ciência das leis da vida social e de seu desenvolvimento causal” (Adler, 1925, p.136).

⁹ Conferir Caderno 10 - *Introdução ao estudo da Filosofia*.

¹⁰ Conforme Coutinho, Gramsci e Lukács são os dois maiores marxistas do século XX pela dedicação e esforço de recuperação do marxismo das incrustações positivistas, o diferencial de ambos é a base filosófica de suas formações sustentadas em Hegel.

inconscientemente, pela lei fatal das coisas. O homem é, sobretudo, espírito, ou seja, criação histórica e não natureza. (GRAMSCI, 2004, p.58)

Ademais, as experiências que vivenciou pelo envolvimento com a luta proletária, o levaram a perceber os limites e possibilidades teórico-práticos da revolução. Nos Cadernos demonstra, ao mesmo tempo, a filosofia da práxis como um método de aproximação do real, uma teoria da história, científica, uma elaboração de estratégia de luta das classes subalternas. É nesse sentido que afirma que filosofia é política.

[...] chega-se também à igualdade ou equação entre “filosofia e política”, entre pensamento e ação, ou seja, a uma filosofia da práxis. Tudo é política, inclusive a filosofia ou as filosofias, e a única “filosofia” é a história em ato, ou seja, a própria vida. (GRAMSCI, 2011, p.246)

A filosofia como “história em ato”, não pode ser reduzida a mera interpretação dogmática do mundo, mas a uma ativa e vivente práxis que situa a racionalidade dialética em um humanismo de novo tipo que integra e funde o idealismo e o materialismo em uma nova dinâmica que expressa as novidades históricas, bem como, as contradições fundamentais da sociedade, entre elas, a luta de classes.

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento os reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. (MARX, 2007, p.94)

Desse modo, a filosofia da práxis assume um sentido original pela recuperação da práxis, da atividade humana e suas relações e, em vista disso, de categorias como o historicismo, o humanismo e a dialética que permeia o conjunto da práxis.

A função e o significado da dialética só podem ser concebidos em toda a sua fundamentalidade se a filosofia da práxis for concebida como uma filosofia integral e original, que inicia uma nova fase na história e no desenvolvimento mundial do pensamento, na medida em que supera (e, superando, integra em si os seus elementos vitais) tanto o idealismo quanto o materialismo tradicionais, expressões das velhas sociedades. Se a filosofia da práxis é pensada apenas como subordinada a uma outra filosofia, é impossível conceber a nova dialética, na qual, precisamente, aquela superação se efetua e se expressa. (GRAMSCI, 2011, p.143)

Conforme Coutinho (2010), as três categorias citadas (humanismo, historicismo e dialética) foram deixadas de lado pela burguesia logo após a sua ascensão, tendo em vista que a classe trabalhadora que foi levada a reboque pela revolução burguesa, segundo Marx, se tornaria seu coveiro. Dessa forma, para desarmar a classe trabalhadora, a burguesia tratou imediatamente de restringir e negar a tradição histórico-filosófica que a possibilitou compreender as correlações de força, abalasse as estruturas feudais e instaurasse a democracia burguesa e o capitalismo.

Sem a apreensão dessas dimensões do pensamento e da práxis humana, especialmente da dialética histórica, as classes subalternas permanecem imóveis e passivas frente à luta de classes, presas ao senso comum, sem a perspectiva do horizonte revolucionário e, portanto, de organização e de luta, pois “sente-se que a dialética é algo muito árduo e difícil, na medida em que pensar dialeticamente vai de encontro ao vulgar senso comum, que é dogmático, ávido de certezas peremptórias, tendo a lógica formal como expressão”(GRAMSCI, 2011, p.143).

Desse modo, a recuperação dos elementos que desviaram o marxismo “ortodoxo” do caminho revolucionário e, portanto, as bases gramscianas que recuperam o marxismo desse embaraço, revela-se necessária tanto para contribuir com o processo de desenvolvimento do pensamento filosófico, como para combater tentativas conservadoras de apropriação indébita do pensamento marxista, como ocorreu no tempo de Gramsci e ocorre atualmente, quanto para recuperar a dimensão ativa e dinâmica da organização e da luta revolucionária. Portanto, a retomada de categorias fundamentais da filosofia da práxis, como a nova concepção de práxis, a filosofia que também é política, a razão dialética, representa a superação da lógica formal que reduz o senso comum ao reflexo imediato do cotidiano e impede o alcance da consciência filosófica, isto é, a produção de uma nova cultura e de um senso comum enriquecido e superior.

Esse embargo teórico precisa ser superado, pois compreendemos que a luta de classes continua a ser o pano de fundo das contradições da ordem capitalista e que o seu acirramento que irrompe crises político-econômicas no Brasil e em todo o mundo, coloca na ordem do dia a necessidade de que a

filosofia deve se tornar política para tornar-se verdadeira, para continuar a ser filosofia, que a “tranquila teoria” deve ser “realizada praticamente”, deve

fazer-se “realidade efetiva”; [...] e, finalmente, como elemento para a teoria da unidade entre teoria e prática. (GRAMSCI, 2011, p.189)

Para Gramsci, o autêntico marxismo como autônoma e integral concepção de mundo precisava libertar-se das filosofias estranhas a ele, por isso, se colocava contra o duplo revisionismo (positivismo de Bukharin e o idealismo de Croce) que representava um perigo degenerativo ao movimento operário. Portanto, era preciso recomeçar a formulação do marxismo como filosofia da práxis, devia-se portanto, partir de Labriola que se manteve distante das duas tendências dominantes. Gramsci reconhece tanto o diferencial da posição de Labriola frente às correntes revisionistas que, na nota dedicada a ele, afirma que é preciso recuperar e colocar em circulação a posição filosófica de Labriola. Pois,

*[...] dal momento in cui un grupo subalterno diventa realmente autônomo ed egemone suscitando un nuovo tipo di Stato, nasce concretamente l'esigenza di costruire un nuovo ordine intellettuale e morale, cioè un nuovo tipo di società e quindi l'esigenza di elaborare i concetti piú universal, le armi ideologiche piú raffinate e decisive. Ecco la necessità di rimettere in circolazione Antonio Labriola e di far predominare la sua impostazione del problema filosófico*¹¹. (Q11, 1509)

A crítica ao revisionismo parte da mutilação da dialética, que para Gramsci é um dos elementos centrais da filosofia marxista, ao materialismo vulgar presente no *Ensaio de Sociologia* de Bukharin. Segundo Gramsci, Bukharin pressupõe, mas não expõe a dialética que subordinando o marxismo ao materialismo burguês pré-marxista, retira o potencial de superação do idealismo e do materialismo tradicional.

Sem a base dialética,

o mecanicismo é a expressão, a demonstração da capitulação dos grupos dirigentes marxistas ao senso comum das massas, à concepção acrítica do mundo, fracionada e fragmentária dos simples, das classes subalternas, nas quais a mentalidade fatalista, a resistência inerte, passiva diante do fatal movimento das coisas eram o produto de séculos de opressão ideológica e cultural exercida pela classe dominante. (MARTELLI, 1996, p.15 – tradução livre)

¹¹ “[...] a partir do momento em que um grupo subalterno tornar-se realmente autônomo e hegemônico, suscitando um novo tipo de Estado, nasce concretamente a exigência de construir uma nova ordem intelectual e moral, isto é, um novo tipo de sociedade e, conseqüentemente, a exigência de elaborar os conceitos mais universais, as mais refinadas e decisivas armas ideológicas. Daí a necessidade de repor Antonio Labriola em circulação, fazendo predominar a sua colocação do problema filosófico”. (GRAMSCI, [1933] 2011, p.223)

Por outro lado, o marxismo sofria, através do idealismo italiano crociano, o ataque filosófico e teórico burguês que visava liquidá-lo, mutilando a dialética hegeliana e reduzindo o princípio da luta dos opostos a mera questão escolástica. Dessa forma, de acordo com Martelli (1996, p.16), para recuperar o autêntico marxismo era preciso investir na “redialetização” do marxismo como tarefa primeira. Pois, a concepção dialética da história é capaz de dar as condições necessárias para a realizar a tradutibilidade do real em suas complexas conexões e contradições imanentes.

Frente às posições revisionistas e a necessidade de recuperar a dialética, Gramsci afere as distinções interpretativas entre a concepção hegeliana e marxiana de síntese e superação do materialismo e idealismo através da concepção de dialética do movimento triádico de *Aufhebung* – negação, supressão, conservação. No primeiro caso, a interpretação se centra na conciliação eclética dos opostos. No segundo caso – afinada com a filosofia hegeliana – implica o confronto entre os opostos e a destruição de um oposto e reabsorção pelo outro originando assim uma nova tese. Este seria o lastro lógico-ontológico da filosofia da práxis e sua base como filosofia independente e autônoma que supera toda a filosofia anterior. Pois conforme Gramsci, “uma teoria é de fato revolucionária na medida em que é elemento de separação e distinção consciente em dois campos, enquanto é um vértice inacessível ao campo adversário” (Q11, 1434).

Dessa forma, Gramsci ao recuperar as bases do marxismo, recupera toda a sua dimensão revolucionária que se expressa tanto em seu aspecto filosófico pela superação da filosofia precedente quanto em seu aspecto político enquanto base de organização e ação de transformação e constituição de um novo devir. Nesse sentido, o marxismo enquanto teoria crítica da totalidade, somente poderia ser filosofia da práxis, pois

La filosofia della praxis, nel suo fondatore, ha rivissuto tutta questa esperienza, di hegelismo, feuerbachismo, materialismo francese – per ricostruire la sintesi dell’unità dialettica: ‘l’uomo che cammina sulle gambe’. Il laceramento avvenuto per l’hegelismo si è ripetuto per la filosofia della praxis, cioè dall’unità dialettica si è ritornati da una parte al materialismo filosofico, mentre l’alta cultura moderna idealistica há cercato di incorporare ciò che della filosofia della praxis le era indispensabile per trovare qualche novo elisir¹². (Q16, 1861)

¹² “A filosofia da práxis, em seu fundador, reviveu toda esta experiência, de hegelianismo, feuerbachianismo, materialismo francês – para reconstruir a síntese da unidade dialética: ‘o homem que caminha sobre as próprias.

Em suma, através dessa reversão da dialética (hegeliana para quem a razão origina o real – o homem que caminha com a sua cabeça) rompe com o engodo metafísico-idealístico, reelabora e inaugura uma nova concepção dialética de cunho ontológico materialista – o homem que caminha com suas pernas. Nessa esteira que Gramsci empreende seu duplo esforço de “ser ao mesmo tempo dialético e anti-idealista”, como afirma Martelli (1996, p.18). Para tanto, parte para a análise do materialismo marxista.

Para além de qualquer reducionismo a esquema mecânico, Marx dá origem a um materialismo omnilateral que compreende o homem e a história humana, portanto, um materialismo humanista, do qual o realismo filosófico é apenas um componente.

A originalidade do materialismo marxiano gerou a necessidade de uma nova terminologia que expressasse com fidelidade seu pensamento. No Caderno 11¹³, Gramsci problematiza o termo ‘materialismo’ e a fórmula ‘dialética materialista’ que nunca foi utilizada por Marx, mas o termo ‘racional’ para contrapor-se ao misticismo. Pois seu método dialético, exposto no *Capital*, refere-se a uma dialética científica, com base na relação conhecimento-realidade, ideias-fatos, pensamento-ser. E que nós denominamos de dialética praxica, que busca expressar o caráter unitário fundamental das relações, da práxis humana, da práxis revolucionária.

Desse modo, devido ao estorvo que o termo materialismo¹⁴ se tornou para a concepção teórico-prática original de Marx e a necessidade filosófica de sua renovação, Gramsci abandona o termo materialismo. Conforme Martelli (1996, p.23), a metamorfose linguística ocorre entre a metade de abril e maio de 1932 quando se dedica aos Cadernos especiais, mormente, os Cadernos 10 e 11.

A questão que se coloca é a relação unitária entre teoria e prática desenvolvida nas *Teses sobre Feuerbach*. Para tanto, Gramsci busca recuperar a posição original de Labriola de conceber o marxismo como filosofia da práxis em sintonia com as *Teses sobre Feuerbach*

pernas’. O dilaceramento ocorrido com o hegelianismo se repetiu com a filosofia da práxis, isto é, da unidade dialética se voltou ao materialismo filosófico, ao passo que a alta cultura moderna idealista tentou incorporar da filosofia da práxis aquilo que lhe era indispensável para encontrar algum novo elixir.” (GRAMSCI, [1933] 2007, p.38)

¹³ §16. Questão de nomenclatura e de conteúdo. 1932. Q 1406.

¹⁴ Uma das causas é a cultura positivista-vulgar que o termo materialismo assumiu no PSI e na II Internacional, a qual Gramsci reagiu entusiasmando-se pelo neoidealismo italiano – sua contratendência.

fundada sobre a categoria trabalho, operosidade, experimento. Labriola traz à tona as bases ontológicas da filosofia da práxis, o trabalho como base e fundamento da inteira história social do homem.

[...]nel lavoro così integralmente inteso è implícito lo sviluppo rispettivamente proporzionato e proporzionale delle attitudini mentali e delle attitudini operative, così, da un'altra parte, nel concetto della storia del lavoro è implicita la forma sempre sociale del lavoro stesso, e il variare di tale forma: - l'uomo storico è sempre l'uomo sociale, e il presunto uomo presociale, o supersociale, è un parto della fantasia: -e così via¹⁵. (LABRIOLA, 1902, p.19)

Essa unidade se expressa pela concretude do pensamento e da atividade do homem no momento mesmo de sua objetivação, sem antecipação paradigmática de um momento ou de outro, mas pelo progressivo processo de inteligência e conhecimento que cresce com as coisas mesmas.

Por outro lado, Giovanni Gentile¹⁶, apesar de partir de Labriola realiza um corte fichtiano¹⁷ no materialismo histórico regredindo a uma concepção unilateral e idealista da práxis, ao traduzir “práxis revolucionária” (*umwälzende*) da III Tese como “práxis revertida” (*rovesciata*) ao invés de “práxis reversora/transformadora” (*rovesciante*), ‘subversiva’ (*sovvertitrice*)¹⁸. Sua posição resulta na compreensão subjetivista da III Tese sobre Feuerbach, em que o educador se constituiria do homem abstrato com sua mentalidade que enquanto pensa, faz, quando conforme Marx seria de matriz objetiva – as circunstâncias e o homem imerso

¹⁵ [...] no trabalho assim integralmente entendido está implícito o desenvolvimento respectivamente proporcionado e proporcionais das atitudes mentais e das atitudes operativas, bem como, no conceito da história do trabalho está sempre implícita a forma social do trabalho em si e a variação desta forma: o homem histórico é sempre o homem social, e o pretense homem pré-social, ou super-social, é uma parte da fantasia: e assim por diante. (Tradução livre)

¹⁶ Giovanni Gentile representante do neoidealismo italiano desenvolveu o *attualismo* que resulta da síntese “dialética” de correntes contrastantes, a saber, o idealismo transcendental de Kant e o idealismo absoluto de Hegel, a qual desemboca na ideia de Estado ético apropriada pelo fascismo. Giovanni Gentile foi ministro da educação do governo fascista italiano e encabeçou a Reforma educacional em todos os graus de ensino nos moldes neoidealistas.

¹⁷ Fichte foi um filósofo alemão, na esteira de Kant, procurou a demonstração científica da liberdade. Ver: *Fichte*. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

¹⁸ Gentile 1899, pp.68-69.

nas circunstâncias que se fundamentam na base unitária – estrutura-superestrutura.

Gramsci concebe a práxis revolucionária como ativa e como luta anti-ideológica com vistas a construir uma nova hegemonia, com caráter de transformação radical do modo de vida social. Nesse espectro, a práxis não é aquela que se reverte (*si rovescia*) em objeto conhecido e criado pelo sujeito, mas objeto conhecido e transformado pelo sujeito (*rovesciante*).

A posição de Gramsci corresponde à clareza de que a história das sociedades tem sido a história da luta de classes e que um dos elementos fundamentais para libertação das classes subalternas de sua dominação passa pela apropriação do conhecimento a elas historicamente negado, capaz de subsidiar uma consciência ativa livre dos fetiches e da alienação articulada com uma postura crítica e transformadora da realidade.

Em 1932, quando abandona o termo materialismo histórico devido às implicações metafísicas, Gramsci ressalta “*Per la filosofia della praxis l’essere non può essere disgiunto dal pensare, l’uomo dalla natura, l’attività dalla materia, il soggetto dall’oggetto; se si fa questo distacco si cade in una delle tante forme di religione o nell’astrazione senza senso*”¹⁹(Q11, 1457).

Pois, a relação dialética entre cada elemento que constitui a práxis é exatamente o elemento que falta tanto ao idealismo quanto ao materialismo vulgar, e que a realidade objetiva é a base estrutural para o conhecimento produzido pelos sujeitos históricos, como práxis, atividade objetiva (*gegenständliche Tätigkeit*), isto é, processo de transformação humana do real.

Nesse sentido, a filosofia da práxis que assume centralidade nos Cadernos do Cárcere tem como núcleo, uma nova concepção dialética da práxis, uma dialética, portanto, gnosiológica (racional, que busca conhecer, teoria do conhecimento) e ontológica (imaneente, ou seja, que parte do próprio real, do próprio ser social). Pois, somente pelo prisma da razão dialética, a qual denominamos de “dialética práxica”, é possível compreender a unidade entre matéria e história, entre homem e natureza, o sentido que a natureza assume objetivada pela práxis e sua dimensão social e histórica, ainda que cada esfera contenha suas peculiaridades.

¹⁹ “Para a filosofia da práxis o ser não pode ser separado do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se se faz esta separação, cai-se numa das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido.” (GRAMSCI, [1932] 2011, p.175)

Desse modo, o marxismo, a dialética práxica, é o número de ouro²⁰ de compreensão da realidade, como pressuposto, é a base ineliminável para a história e seu desenvolvimento, especialmente, a etapa superior da história, um novo modo de vida social livre e emancipado.

Desse modo que nas notas dos Cadernos 10 e 11 visando exprimir a originalidade do marxismo, bem como, a sua unidade orgânica constituída pela economia, história e política e pelas dimensões gnosiológicas e ontológicas que constituem o marxismo como uma nova filosofia.

*Il significato della dialettica può essere concepito in tutta la sua fundamentalità, solo se la filosofia della praxis è concepita come una filosofia integrale e originale che inizia una nuova fase nella storia e nello sviluppo mondiale del pensiero in quanto supera (e superando ne include in sé gli elementi vitali) sia l'idealismo che il materialismo tradizionali espressioni delle vecchie società. Se la filosofia della praxis non è pensata che subordinatamente a un'altra filosofia, non si può concepire la nuova dialettica, nella quale appunto quel superamento si efetua e si esprime.*²¹
(Q11, 1425)

A dialética marxiana não seria, portanto, resultado de uma justaposição sintética simplista de Hegel e Feuerbach, mas o *tertium datur* da dialética hegeliana em uma nova elaboração que resulta em uma nova filosofia integral e original em relação às outras precedentes e à relação teoria e prática. A filosofia da práxis elaborada pelo filósofo sardo constitui-se, desse modo, em total conformidade com os fundamentos marxianos expressos nas *Teses sobre Feuerbach*.

O principal defeito de todo o materialismo existente até agora (o de Feuerbach incluído) é que o objeto [*Gegenstand*], a realidade, o sensível, só é apreendido sob a forma do objeto [*Objekt*] ou da contemplação, mas não como atividade humana sensível, como prática, não subjetivamente. Daí o lado ativo, em oposição ao materialismo, [ter sido] abstratamente

²⁰ Referência ao número de ouro de Fibonacci que via em diversos elementos da natureza uma dimensão perfeita que conseguiu expressar em linguagem matemática, tal como Marx conseguiu expressar em linguagem filosófico-política a dialética imanente ao movimento da história.

²¹ “[...] o significado da dialética só pode ser concebida em toda a sua fundamentalidade se a filosofia da práxis for concebida como uma filosofia integral e original, que inicia uma nova fase na história e no desenvolvimento mundial do pensamento, na medida em que supera (e, superando, integra em si os seus elementos vitais) tanto o idealismo quanto o materialismo tradicionais, expressões das velhas sociedades. Se a filosofia da práxis é pensada apenas como subordinada a uma outra filosofia, é impossível conceber a nova dialética, na qual, precisamente, aquela superação se efetua e se expressa.” (GRAMSCI, [1932] 2011, p.143)

desenvolvido pelo idealismo – que, naturalmente, não conhece a atividade real, sensível, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis [*sinnliche Objekte*], efetivamente diferenciados dos objetos do pensamento: mas ele não apreende a própria atividade humana como atividade objetiva [*gegenständliche Tätigkeit*]. (MARX, 2007, p. 533)

Na esteira de Lenin, Gramsci compreende as partes constitutivas do marxismo – história, política e economia – que o forma organicamente como filosofia original. Contudo, como destaca Martelli (1996), em 1932 substitui filosofia - definida por Lenin como umas das partes constitutivas - por história, ao aferir a dialética enquanto ciência, enquanto concepção filosófica geral, gnosiologia, teoria da ciência do marxismo que articula organicamente a interdependência das partes formando uma totalidade filosófica integral e original, como assenta na seguinte nota

*Si domanderà se la filosofia della praxis non sai appunto specificamente una teoria della storia e si risponde che ciò è vero ma perciò dalla storia non possono staccarsi la politica e l'economia, anche nelle fasi specializzate, di scienza e arte della politica e di scienza e politica econômica. Cioè: dopo avere, nella parte filosofica generale (che [è] la filosofia della praxis vera e propria, la scienza della dialettica o gnoseologia, in cui i concetti generali di storia, di politica, di economia si annodano in unità organica).*²² (Q11, 1448)

Nessa perspectiva, a dialética configura-se orgânica e tem a práxis, isto é, a concepção historicista da realidade como base da relação intrínseca entre história, política e economia, liberta de qualquer resíduo de transcendência ou teologia, portanto, de concepções metafísicas, das quais a dialética mesma é sua antítese.

O caráter antimetafísico da filosofia da práxis é tratado por Gramsci na fórmula antitética da imanência historicista ou realista que resulta da superação da imanência especulativa hegeliana realizada por Marx. “*La filosofia della praxis continua la filosofia dell'immanenza, ma la depura di tutto il suo aparato metafisico e la conduce sul terreno*

²² “Poder-se-á indagar se a filosofia da práxis não é, precisa e especificamente, uma teoria da história; ao que se responde que isto é verdade, mas que é impossível, por isso mesmo, destacar da história a política e a economia, mesmo em suas fases especializadas, de ciência e arte da política e de ciência e política econômica. Ou seja: após ter realizado a tarefa principal na parte filosófica geral (que é a filosofia da práxis propriamente dita: a ciência da dialética ou gnosiologia, na qual os conceitos gerais da história, de política, economia, se relacionam em unidade orgânica)” (GRAMSCI, [1932[2011, p.166).

concreto della storia”²³ (Q11, 1438). Pois, com Marx, em específico na II Tese sobre Feuerbach²⁴, a concepção de *immanentia* assume um novo caráter, o caráter de terrenalidade, mundanidade histórica e o significado de imanência - daquilo que é inerente ao ser - passa à ação humana concreta, ao historicismo absoluto, à práxis que caracteriza o marxismo como filosofia integral e original.

*Quando se dice che Marx adopera l'espressione 'immanenza' in senso metaforico, non si dice nulla: in realtà Marx dà al termine 'immanenza' un significato proprio, egli cioè non è un 'panteista' nel senso metafisico tradizionale, ma è un 'marxista' o un 'materialista storico'. Di questa espressione 'materialismo storico' si è dato il maggior peso al primo membro, mentre dovrebbe essere dato al secondo: Marx è essenzialmente uno storicista' ecc.*²⁵ (Q4, p.433)

A compreensão original de imanência marxiana apresenta uma compreensão de totalidade dialética unitária das partes da realidade. A filosofia da práxis estabelece uma relação dialética de determinação recíproca entre estrutura e superestrutura. Ambas resultado da criação e produção humana como síntese histórico-social.

Da relação estrutura e superestrutura atravessada pela luta de classes salta a necessidade de transformação do mundo, para tanto, a necessidade de conhecê-lo. Contudo, conhecimento e transformação são permeadas pelo valor da ideologia que se manifesta nos complexos superestruturais, a política, as formas jurídicas, a filosofia, a arte, a educação, a religião. A partir do prisma de relação orgânica e recíproca entre estrutura e superestrutura, a ideologia ocupa posição central na dimensão gnosiológica dialética, por se configurar como o ponto de conexão entre teoria e prática, conhecimento e ação. Contudo, pode assumir distintas funções sociais, ou seja, o papel político cultural conservador das ideias dominantes pela conciliação de interesses

²³ “A filosofia da práxis continua a filosofia da imanência, mas depurando-a de todo o seu aparato metafísico e conduzindo-a ao terreno concreto da história”. (GRAMSCI, [1932] 2011, 156)

²⁴ “É na prática que o homem tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza ceterior [imane] [Diessseitigkeit] de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não realidade do pensamento – que é isolado da prática – é uma questão puramente escolástica.” (MARX, [1845] 2007, p.533)

²⁵ “Quando se diz que Marx usa a expressão "imanência" num sentido metafórico, nada é dito: na verdade Marx dá ao termo "imanência" um significado próprio, ou seja, ele não é um “panteísta”, no sentido metafísico tradicional, mas é um "marxista" ou “materialista histórico”. Nesta expressão "materialismo histórico" é dado o maior peso ao primeiro membro, enquanto deveria ser dado ao segundo: Marx é essencialmente um historicista, etc.” (Tradução livre)

opostos ou transformador e revolucionário como a própria filosofia da práxis que na medida em que se torna consciência social torna-se força socialmente transformadora do mundo ao impulsionar a ação das classes subalternas, a filosofia das contradições.

Essa força operosa se concretiza nas instituições da sociedade civil, os aparelhos de hegemonia que buscam, educam, e organizam o consenso através do controle das atividades políticas, culturais e intelectuais das massas. Nesse viés, se concretiza o caráter educativo da filosofia da práxis, pois

A proposição contida na introdução à *Crítica da economia política*, segundo a qual os homens tomam consciência dos conflitos de estrutura no terreno das ideologias²⁶, deve ser considerada como uma afirmação de valor gnosiológico e não puramente psicológico e moral. Disto decorre que o princípio teórico-prático da hegemonia possui também um alcance gnosiológico; e, portanto, é nesse campo que se deve buscar a contribuição teórica máxima de Ilitch à filosofia da práxis. Ilitch teria feito progredir efetivamente a filosofia como filosofia na medida em que fez progredir a doutrina e a prática política. A realização de um aparelho hegemônico, enquanto cria um novo terreno ideológico, determina uma reforma das consciências e dos métodos de conhecimento, é uma fato de conhecimento, um fato filosófico. (GRAMSCI, 2011, p.320)

Para Gramsci, há um nexos indissolúvel entre estrutura e superestrutura no qual está contida a contradição de base entre as forças produtivas e as relações de produção, isto é, entre o nexos inseparável entre hegemonia ético-política e hegemonia econômica, o qual não corresponde às concepções idealistas ou economicistas. Nesse espectro, segundo Martelli (1996, p.63), o conceito de hegemonia gramsciana avança em relação à concepção leniniana que centrava-se na direção política. Com a contribuição de Gramsci, a hegemonia assume a máxima provisão teórica, quando toma a forma de escopo gnosiológico da filosofia da práxis válido como imposição metodológica orientadora da práxis política para a transformação do mundo histórico-social em todas as dimensões: política, econômica, cultural, etc., coerente com a décima primeira Tese sobre Feuerbach²⁷.

²⁶ “É preciso distinguir sempre entre as mudanças materiais ocorridas nas condições econômicas de produção e que podem ser apreciadas com a exatidão própria das ciências naturais e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, numa palavra, as formas ideológicas em que os homens adquirem consciência deste conflito e lutam para resolvê-lo” (MARX, Prefácio à crítica da economia política [1859],

²⁷ “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa agora é transformá-lo”. (MARX, 2007, p.535)

*Può esserci riforma culturale e cioè elevamento civile degli strati depressi della società, senza una precedentereforma econômica e un mutamento nella posizione sociale e nel modo econômico? [...] una riforma intellettuale e morale non può non essere legata a un programma di riforma economica, anzi il programma di riforma economica è appunto il modo concreto con cui si presenta ogni riforma intellettuale e morale.*²⁸ (Q13, 1561)

A compreensão de unidade orgânica da estrutura e superestrutura amplia a concepção de luta pela emancipação das classes subalternas para além de qualquer reducionismo econômico que reporta a apenas à estrutura econômica a medula da revolução, mas incluindo também da mesma forma a investida revolucionária sobre os aparelhos superestruturais de obtenção do consenso e difusão ideológica, sem a qual a primeira seria irrealizável.

Não há como compreender o teor e a profundidade revolucionária dessas relações sem apropriar-se da nova dialética, da razão dialética especialmente desenvolvida por Gramsci nos Cadernos, como uma nova forma de pensar, uma nova lógica distinta da lógica formal que por ela fora superada e suprassumida em si, de caráter antimetafísico e antiespeculativo, a lógica do movimento histórico, da dinâmica das relações e contradições que compõem a totalidade do mundo em essência e fenômeno, tendo em vista que não se pode destacar a forma do conteúdo.

Pois a lógica dialética prática parte da base real objetiva em constante devir, ou seja, das relações determinadas historicamente que, do ponto de vista das massas, busca integrar uma consciência crítica e transformadora de novas bases sociais. Essa consciência transformadora não corresponde a uma concepção mecânica da causa que já contém em si toda as relações e efeitos, próprio do plano vulgar e evolucionista, baseado na lógica-formal dedutiva, mas a necessidade real e historicamente determinada. Portanto,

[...] limitar-se alla semplice enunciazione teorica dei principi 'chiari' di método: questa sarebbe pura azione da 'filosofi' del Settecento. Il lavoro necessario è complesso e deve essere articolato e graduato: ci deve essere la deduzione e l'induzione combinate, la logica formale e la dialettica, l'identificazione e la distinzione, la dimostrazione positiva e la distruzione

²⁸ “Pode haver reforma cultural, ou seja, elevação civil das camadas baixas da sociedade, sem uma anterior reforma econômica e uma modificação na posição social e no mundo econômico? [...] uma reforma intelectual e moral não pode deixar de estar ligada a um programa de reforma econômica; mais precisamente, o programa de reforma econômica é exatamente o modo concreto através do qual se apresenta toda reforma intelectual e moral.” (GRAMSCI, [1932] 2011b, p.19)

*del vecchio. Ma non in astratto, ma in concreto, sulla base del reale e dell'esperienza efetiva.*²⁹ (Q, 2268)

A nova concepção metodológica - lógica dialética – se socializada às massas, revolucionaria o nível cultural e político ideológico destas, para além da cultura da oratória e da escolástica, e potencializaria a ação organizativa e transformadora para a construção coletiva de uma civilização superior, uma cultura da práxis que apreende conscientemente o real com esforço e reflexão para sua constante transformação. Pois a concepção dialética da história rompe com a abstração metafísica que transforma elementos reais e historicamente determinados em modelos a-históricos absolutos e invioláveis, como a concepção do capitalismo com automatismo de mercado difundida pelos economistas clássicos burgueses, a qual Marx rebateu com o conceito de mercado determinado ou historicamente condicionado³⁰.

Essa concepção de determinação é completamente diversa da concepção mecanicista, porque refere-se à determinação histórica e, portanto, não corresponde a algo imutável ou eterno, mas à existência, a algo que pelas relações de forças conflituosas, é passível de mudança, de ser transformada pela atividade humana a partir das necessidades histórico-sociais concretas. Nesse espectro, a lógica dialética praxica como fundamento da filosofia da práxis demonstra sua inteira conexão com a base econômica e seus estudos e, como “*um modo di pensare e d'intuire la vita e la storia*” completamente dissociado de interpretações politicistas.

A concepção de dialética de Gramsci, segundo Martelli (1996) apresenta três significados inter-relacionados - gnosiológico, metodológico e ontológico – que remetem ao nexos necessidade e liberdade desenvolvido por Marx e recuperado por Gramsci nos Cadernos e representam o nexos objetividade-subjetividade, expressos nos produtos das objetivações humanas e na própria atividade humana. Portanto, o nexos necessidade-liberdade se funda sobre a perspectiva ontológica da relação estrutura-superestrutura que se contrapõe às duas

²⁹ “[...] limitar-se à simples enunciação teórica de princípios ‘claros’ de método: esta era pura ação da ‘filosofia’ do século XVIII. O trabalho necessário é complexo e deve ser articulado e gradual: deve ser dedução e indução combinadas, lógica formal e dialética, identificação e distinção, demonstração positiva e destruição do velho.

Porém, não em abstrato, mas em concreto, sobre a base do real e da experiência efetiva.” (Tradução livre)

³⁰ ‘*Mercato determinato*’ equivale [...] a dire ‘*determinato rapporto di forze social in una determinata struttura dell’apparato di produzione*’, *rapporto garantito (cioè reso permanente) da una determinata superestrutura politica, morale, giuridica.* (Q 1477)

concepções revisionistas do marxismo, a mecanicista ou fatalista que se firma na ideia de necessidade sem liberdade e a subjetivista-idealista firmada na liberdade sem necessidade.

Nessa tela, a contradição se impõe como elemento de força propulsora do movimento, simultaneamente princípio de conhecimento e de ação, do modo de ser do próprio real, fundamento teórico-prático da filosofia marxista como teoria das contradições.

Tutte le filosofie (i sistemi filosofici) finora esistite sono state la manifestazione delle intime contraddizioni da cui la società è stata lacerata, [...] la 'filosofia della prassi' [...] é una filosofia liberata (o che cerca liberarsi) da ogni elemento ideologico unilaterale e fanatico, è la coscienza piena delle contraddizioni, in cui lo stesso filosofo, inteso individualmente o inteso come intero grupo sociale, non solo comprende le contraddizioni, ma pone se stesso come elemento della contraddizione, eleva questo elemento a principio di conoscenza e quindi di azioni.³¹ (Q10, 1487).

A compreensão do processo contraditório das relações, eleva o indivíduo e o grupo social a um salto catártico de consciência e, especialmente de ação sobre a realidade, tendo em vista que “a inteligência que só sabe pensar metafisicamente, não pode de modo algum, passar da ideia do repouso à ideia do movimento, porque o obstáculo da contradição lhe barra o caminho”(ENGELS, 1875, p.235-236).

A lógica dialética práxica se distancia da lógica formal no tocante à conciliação dos opostos operada por esta última - que apesar de não negar as contradições, não vislumbra uma relação de reciprocidade entre ambas, mas a um esquema de justaposição de opostos ou de conciliação que se detém na estaticidade. Ao contrário, a lógica dialética práxica vislumbra a potência, a possibilidade de negar, anular o oposto em um movimento de superação, assim como o mundo burguês tem em sua constituição o seu oposto, o proletariado.

Desse processo de superação e conservação que depende da ação humana direcionada e consciente para criar as condições para um novo modo de vida social, emerge a necessidade de organização e luta, colocar forças operosas em movimento para criar uma nova hegemonia que se trava no terreno da estrutura e da superestrutura, da produção e da ideologia. É por este

³¹ “Todas as filosofias (os sistemas filosóficos) que existiram até hoje foram a manifestação das íntimas contradições que dilaceraram a sociedade. [...] a filosofia da práxis é uma filosofia liberada (ou que busca liberar-se) de qualquer elemento ideológico unilateral e fanático, é a consciência plena das contradições, na qual o próprio filósofo entendido individualmente ou como grupo social global, não só compreende as contradições, mas coloca a si mesmo como elemento de contradição, eleva este elemento a princípio de conhecimento e, conseqüentemente, de ação.” (GRAMSCI, [1932] 2011, p.204)

motivo que a filosofia da práxis é também educativa, pedagógica e necessita da formação de novos sujeitos sociais, os intelectuais orgânicos.

3

Nesse viés, uma nova concepção de intelectuais tomam espaço nos estudos de Gramsci, pelo papel que desempenham na luta hegemônica na inserção ideológica e política de ideias hegemônicas ou contra-hegemônicas que podem mobilizar forças para conservação ou transformação do *status quo*. Neste último caso, contribuir para formação dos quadros revolucionários necessários capazes de organicamente serem dirigentes ou dirigidos. Portanto, se é a necessidade que determina a escolha entre as alternativas e gera novas possibilidades, a filosofia da práxis é educativa porque reconhece a necessidade histórica de conhecimento latente das classes subalternas tanto para o controle da produção, para a sua reprodução, mas sobretudo, para a transformação de si mesmas em novas bases sociais.

Se como afirma Marx no *Prefácio à Crítica da Economia Política*, o velho perece quando as bases para o novo são colocadas, o movimento para a emergência e estabelecimento do novo se dá quando um grupo social que luta pela nova hegemonia, se torna dirigente antes mesmo de ter o domínio e continue a ser dirigente mesmo depois da conquista do domínio pela organicidade entre dirigentes e dirigidos, pela qual a função tradicional de intelectuais deverá ser supressumida de forma dialética, em vista da criação de uma nova cultura, uma nova forma de ser social.

A criação desses alicerces necessita de capacidade e espírito inventivo, da capacidade de planejar e forjar uma nova forma de vida, uma nova hegemonia, uma nova práxis correspondente a filosofia unitária. Para tanto, é necessário dar homogeneidade à vontade coletiva-nacional popular, promovendo a catarse de *classi-em-si* a *classe-para-si*, isto é, dos sujeitos individuais a sujeitos coletivos conscientes do seu lugar objetivo na luta hegemônica para além de qualquer espírito econômico-corporativo.

Esse salto catártico ocorre com o processo contínuo e permanente de organização coletiva e orgânica das classes subalternas, intelectuais e massas, em que as características hipostasiadas pela lógica burguesa de intelectuais e de massa são superadas, não por uma relação de justaposição, mas pela unidade orgânica e viva em que a capacidade de cada um coopere para a superação da cisão que resulta da fragmentação unilateral oriunda da divisão classista do trabalho.

*la proposizione significhi importa ricercare come appunto si formino le volontà collettive permanenti, e come tali volontà si proponano dei fini immediati e mediati concreti, cioè una linea d'azione collettiva. Si tratta di processi di sviluppo più o meno lunghi, e raramente di esplosioni "sintetiche improvvise"*³² (Q, 1057).

Trata-se, portanto, de simultaneamente forjar um homem de novo tipo, uma sociedade inaudita, um novo tipo de intelectual formado no ato impuro, que represente a superação histórica da fragmentação entre trabalho manual e intelectual em uma organicidade unitária – omnilateral – a unidade orgânica entre teoria e prática em que as capacidades não sejam pré-determinadas de acordo com a classe ou o lugar que ocupa no mundo produtivo, mas que pelas capacidades que desenvolve, possa se inserir organicamente no mundo produtivo, político, filosófico e cultural e constituir-se um novo ser. “*La filosofia della praxis consiste quindi in una teoria della costituzione dei soggetti politici che Gramsci considera il coronamento di tutto [il] movimento di riforma intellettuale e morale dell'età moderna*”³³ (VACCA, 2014, p.555), isto é, de formar o intelectual orgânico capaz de levar a cabo uma reforma intelectual e moral. Tendo em conta que toda reforma intelectual e moral, é também uma transformação filosófica e política que significa uma reforma econômica.

Dessa forma, trata-se de criar uma nova personalidade histórica, aquela que trata no Caderno 13, *Maquiavel o Estado e a Política*, do político em ato, encarnado das contradições, que se funda entre ser e dever-ser, aquele que se preocupa com o ser (o homem e a sociedade), mas também com o vir-a-ser, capaz de apanhar o conhecimento do curso das coisas e sobre elas atuar e transformar, capaz de impulsionar o *religare* necessário às classes subalternas, ao humano, de dar o ímpeto, a convicção, a força necessária ao processo revolucionário, como organizador e articulador dos grupos subalternos que contribui para a criação de uma original concepção de mundo, de uma vontade coletiva orgânica, de uma nova práxis social, recheada de paixão para a ação através do partido (em concepção gramsciana) e desenvolvimento da

³² “a proposição implica indagar como se formam as vontades coletivas permanentes e como tais vontades se propõem objetivos imediatos e mediatos concretos, isto é, uma linha de ação coletiva. Trata-se de processos de desenvolvimento mais ou menos longos, e raramente de explosões sintéticas inesperadas.” (GRAMSCI, [1932] 2011, p.287-288)

³³ “A filosofia da práxis consiste, portanto, em uma teoria da constituição dos sujeitos políticos que Gramsci considera o coroamento de todo o movimento de reforma intelectual e moral da idade moderna.” (Tradução livre)

desenvolvimento da autonomia dos subalternos, e, portanto, que vê a si mesmo como simbiose dialética praxica e elemento de superação porque carrega a estrutura subjetiva de transformação da estrutura objetiva em um novo ser, uma nova forma de ser social, a sociedade regulada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: EDIPRO, 2012.

COUTINHO, C.N. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ENGELS, F. **Antiduhring**. 1875. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/duhring.pdf>

FROSINI, Fabio. *La religione dell uomo moderno*. Roma: Carocci, 2010.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Introdução ao estudo da filosofia. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. **Cadernos do Cárcere**. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.

_____. *Quaderni del Carcere*. Edizione critica. Torino: Einaudi, 2014.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____. **Prolegômenos a toda metafísica futura que possa apresentar-se como ciência**. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

LENIN, V. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. 1913a.

_____. **Os destinos históricos da doutrina de Marx**. 1913b.

_____. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

LOSURDO, Domenico. **Hegel, Marx e a Ontologia do Ser Social**. Trabalho & Educação. Belo Horizonte. v.24. n.1. p.117-130. jan-abr. 2015.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social. II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTELLI, Michele. *Gramsci filosofo della politica*. Edizioni Unicopoli: Milano, 1996.

MARX, K. **Carta a P. Annenkov**, 1846. Acesso em agosto de 2017. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1846/12/28.htm>

MARX, K. ENGELS, F. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O 18 de Brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MONIZ, Edmundo. **A originalidade das revoluções**: uma visão abrangente do socialismo no século XX. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

OLDRINI, Guido. **Gramsci e Lukács adversários do marxismo da Segunda Internacional**. [Texto para o Congresso Internacional de Szeged: Hungria, 1991] Crítica Marxista, São Paulo, Xamã, v.1, n.8, 1999, p.67-80.

_____. **Em busca das raízes da ontologia (marxista) de Lukács**. IN: Pinassi; Lessa. Lukács e a atualidade do marxismo. São Paulo: Boitempo, 2002

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 2003.

SAGRA, Alicia. **A Internacional**. Um permanente combate contra o oportunismo e sectarismo. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2010.

SEMERADO, Giovanni. **Filosofia da práxis e as práticas político-pedagógicas populares**. Educação e Filosofia Uberlândia, v. 28, n. 55, p. 131-148, jul./dez. 2014.

_____. **A concepção de trabalho em Gramsci**: constituição ontológica princípio educativo. Trabalho & Educação. Belo Horizonte. v.24. n.1. p.233-244. jan-abr. 2015.

SOUSA, Joeline R. **Gramsci, educação, escola e formação**: caminhos para a emancipação humana. Curitiba: Appris, 2014.

VACCA, Giuseppe. **La filosofia della praxis di Antonio Gramsci**. Educação e Filosofia Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 535-557, jul./dez. 2014.

Recebido em 15 de setembro de 2018

Aprovado em 29 de setembro de 2018

Editado em 22 de dezembro de 2018